



**A CASA DO MAGO DAS LETRAS**

**LIVROS ELETRÔNICOS**

[www.lpbacan.net](http://www.lpbacan.net)  
[www.portalcen.org](http://www.portalcen.org)  
[www.viladasartes.org](http://www.viladasartes.org)  
[www.avllb.org](http://www.avllb.org)  
[www.perolaparana.net](http://www.perolaparana.net)

*L P Baçan*

**Direitos exclusivos para língua portuguesa:**

**Copyright © 2007 L P Baçan**

**Pérola — PR — Brasil**

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

## CAPÍTULO 1

Na suíte presidencial do mais luxuoso hotel de Mônaco, um homem olhava fixamente a tela colorida do televisor. Não havia tensão alguma em seu rosto, nenhuma emoção parecia viver naqueles olhos absolutamente frios.

Na tela, um homem vestido como um astronauta chutava e esmurrava sua máquina reduzida a pedaços, esbravejando, gritando, atirando longe o capacete.

Diversas vezes a cena foi repetida, enquanto o comentarista, com um tom irônico, falava de uma criança grande, cujo brinquedo se estragara.

— Bastardo! — resmungou Chapp Bright, sem desviar os olhos da tela, e sem alterar aquela fisionomia impassível.

Sharlene Bright surgiu à porta do quarto, terminando de fechar o negligé sobre o corpo moreno e escultural. Seus olhos se moveram na direção de Chapp.

Por instantes ela ficou ali, parada, depois começou a rir baixinho. Havia ironia mais alívio também naquele seu desabafo.

Caminhou na direção de Chapp, os pés descalços deslizando suavemente sobre os tapetes felpudos. Passou diante do televisor, e Chapp pareceu nem a notar.

Sharlene abriu as janelas. O calor escaldante era agora amainado por uma brisa refrescante. Olhou Chapp. Era incrível como um homem podia se submeter àquele tipo de prova a cada duas semanas. Era preciso um físico perfeito, nervos de aço, saúde a toda prova.

Sabia que não adantaria falar com ele. Chapp estava deprimido, terrivelmente deprimido. Deixara os Estados Unidos cotado como a mais recente revelação da Fórmula Um, na qual acabara de ingressar. Cinco corridas mais tarde, era o azarão explosivo, o homem-show que nunca chegava ao fim, e que ainda não provara a visão de uma bandeira quadricular cortar o ar à sua frente.

Era difícil para Chapp, reconhecia ela. Queria entendê-lo, mas em pouco menos de três meses, muita coisa mudara entre ele.

Chapp já não era o mesmo de antes, já não vivia só para ela. Ter de dividi-lo daquela forma era terrível, principalmente correndo o risco de perdê-lo a qualquer momento.

Talvez tivesse sido um pouco ingênua no princípio, julgando que nada poderia separá-los. Aquele circo colorido e barulhento, no entanto, os envolvia cada vez mais, comprometendo suas vidas, ameaçando-os.

Chapp era um bom piloto. Fizera carreira nas pistas mais incríveis, nas corridas mais arriscadas. Sempre fora um vencedor, nas corridas amadoras. A fórmula Um, no entanto, reservara-lhe muitas surpresas.

Sharlene foi até o bar e serviu-se de uma dose de gin-tônica, com bastante gelo. Caminhou pelo aposento. Não muito longe dali, luzes brilhavam, e havia muita agitação. No casino, vivia-se.

Depois de uma semana sem vê-lo praticamente, sem saber o que era uma carícia, sem poder dar vazão a toda aquela sensualidade que o calor punha em seu corpo, Sharlene experimentava uma tensão insuportável, inquietante, perigosa.

Na tela, encerrava-se o resumo da corrida, com a apresentação dos vitoriosos, banhando-se, divertidos, em champanha, atirando seus bonés para os fãs mais afoitos.

Chapp desviou, então, os olhos para Sharlene, olhando-a sem nenhuma significação, distante.

— Em que pensa agora? — indagou ela, irritada.

— Na pequena.

— Ao diabo com a pequena.

— Eu ainda vou segurá-la em minhas mãos, vou abri-la, vou me banhar inteiro com ela, vou quebrá-la e atirar seus pedaços de vidro...

— Quanta emoção por uma simples garrafa de champanha — ironizou ela.

— Não é uma simples garrafa, Sharlene. É a garrafa, é a pequena... Você viu que azar o meu? Eu estava em terceiro. Atrás de mim, ninguém. A minha frente a menos de três segundos, o próprio campeão mundial. Eu poderia ultrapassá-lo se...

— Se não fosse tão afoito e não fizesse rodar o seu carro, não é?

Chapp calou-se, revivendo aquele momento. Entrara certo na curva. Usara o freio, engatara a marcha certa, mas pisou fundo demais, na saída, tentando ganhar terreno. O carro avançou num salto, uma das rodas saiu da pista e tudo girou em ferragens se desmantelando.

Mais cinco voltas e a corrida terminaria. Dez minutos, nem isso, o separavam do pódio. Falhara estupidamente. Poderia ter mantido o mesmo ritmo, e seria o segundo. Na volta seguinte o campeão tivera de abandonar com o motor arreventado.

Por mais que tentasse amenizar aquela derrota, ela pesava sobre ele. Chapp queria uma vitória a todo custo, queria calar aqueles comentários irônicos, afastando de si a marca de inexperiência.

Conhecia carros, sabia tudo sobre eles, sabia como ganhar uma corrida. Então o que estava acontecendo, afinal? Por que, sistematicamente, vinha cometendo aqueles erros estúpidos?

Levantou-se e foi até a janela. Olhou a rua logo abaixo. Havia marcas de pneus enegrecendo-a. Chapp podia se recordar de cada uma das vezes que passara ali em frente, desde os treinos até a corrida.

Mas o que lhe adiantava isso? A festa não era dele. Apenas o cansaço, o terrível cansaço de um fim de prova, o físico desgastado, a mente querendo apenas distanciar-se, alhear-se, fugir, refugiar no silêncio do capacete protetor.

Sharlene terminou sua bebida e depositou o copo, com força, sobre um móvel, caminhando para o quarto.

— Onde vai? — indagou ele.

— Tomar um banho, esse calor me sufoca.

— Vou também — disse ele.

Sharlene deu mais alguns passos, depois parou. Voltou-se lentamente, olhando-o. Tentou ler desejo no solhos de Chapp, mas sabia que ele nunca a desejava após uma corrida daquelas.

Seus nervos estavam em frangalhos. ainda estremecia quando vira, a menos de duzentos metros dos boxes, o carro de Chapp derrapar, atirando ferragens e pedaços para cima.

Viu-o morto, despedaçado, fugindo dela para sempre. Depois, quando ele deixou o carro,

aturdido, e começou a chutar e esmurrar os pedaços fumegantes, Sharlene desejou fazer o mesmo com ele.

— O que houve? — indagou Chapp, diante dela.

— Eu não agüento mais, Chapp. Não tenho nervos para isso — soluçou ela.

— De que está falando, afinal?

— Pergunta cretina, Chapp. Do que poderia ser? Dessa vida de loucos, de me sentir ameaçada de perdê-lo a qualquer momento, na pista ou para uma daquelas sirigaitas que freqüentam os boxes.

— Ninguém vai perder ninguém — disse ele, cansado.

— Não esteja certo disso. Chapp. E quer saber de uma coisa, vá tomar seu banho sozinho! — explodiu ela.

— Hei, venha cá! — disse ele, segurando-a pelos ombros e puxando-a para si.

Sharlene relutou, mas acabou cedendo e se atirando de encontro a ele, apertando-se contra aquele corpo cansado. Suspirou fundo. Definitivamente não tinha nervos para aquilo, era totalmente diferente do que esperava.

Nos Estados Unidos, ao menos, ela o tinha sempre. Aquelas corridas eram brincadeiras, Chapp ganhava sempre, era feliz, era o vencedor.

Derrotas não lhe faziam bem. Isso o alterava, tirava-lhe o ânimo, mudava-o completamente. Sharlene tinha um temperamento ardente, inquieto, fogoso.

— Acho que precisamos conversar muito, amor — disse ele, acariciando-a lentamente.

— Não agora, Chapp, não hoje. Eu preciso sair, preciso me divertir, preciso me recuperar de hoje à tarde.

— Está bem, saia então, nunca a proibi. Sabe que não posso acompanhá-la, não hoje.

— É isso que me aborrece, Chapp. Sempre aqueles malditos carros, aquelas malditas reuniões, os treinos...

— Você sabia de tudo isso... Sabia que não seria fácil...

— Eu não sei, preciso pensar, preciso sair mesmo...

Chapp a soltou, abrindo lentamente os braços. Sharlene olhou-o de frente, mordeu o lábio inferior, pensativa e em dúvida.

O que estava querendo, afinal? De onde vinha aquela inquietação que punha seu corpo em frebilidade e confusão? Para onde iria? O que pretendia fazer?

Não sabia. Sabia apenas que estava cansada, terrivelmente cansada de ser posta de lado por Chapp, de ser menos importante que a maldita pequena, a garrafa de champanha dos vencedores, que ele tanto desejava.

Isso não era algo repentino. Crescera pouco a pouco, cada vez mais rapidamente nos últimos tempos. Os momentos com Chapp já não satisfaziam. Sharlene queria uma exclusividade impossível, e isso a torturava terrivelmente.

Talvez fosse cansaço, talvez fosse dúvida. Fosse o que fosse, Sharlene queria lutar contra, queria saber qualquer coisa para esclarecer-se, para entender-se, para recuperar tudo aquilo que vinha perdendo a cada novo dia.

Precisava das atenções de Chapp. Uma mulher como ela não podia viver sem isso. Precisava de um estímulo, de carinhos, de sensualidade, explodindo solta e despreocupada.

Queria viver aquele circo sem preocupações, queria estar nele e, ao mesmo tempo, alheia a ele, longe de sua influência perniciosa.

Talvez devesse voltar para os Estados Unidos por algum tempo. Possivelmente aquela sua mudança pudesse influenciar Chapp, forçando-o a perseguir a vitória, como um modo de se refazer diante dela.

Talvez fosse isso realmente. Seu desejo de atenções, sua frustração, afinal, poderiam provocar em Chapp aquela necessidade imperiosa de vencer e redimir-se, de valorizar-se e recuperar a velha admiração, o velho respeito.

Sim, Chapp estava perdendo tudo naquelas corridas. Seu orgulho próprio estava abalado, sua confiança também. Sharlene tentou descobrir qual seria a melhor maneira de ajudá-lo, mas também estava confusa.

— O que vai ser? — indagou ele, ainda de braços abertos.

— Eu vou sair, Chapp — disse ela, num fio de voz.

Os braços do piloto caíram pesadamente ao lado do corpo, e ele deu de ombros, cansado demais para discutir, deprimido demais para tentar resolver o problema.

Queria um pouco de compreensão de Sharlene, mas reconhecia que lhe impunha um sacrifício talvez excessivo. Sharlene adorava agitação, mas quando essa agitação girava em torno dela.

Desde que Chapp mudara para a Fórmula Um, nunca mais tiveram aquilo. Era o azarão e o azarado. As coisas mais incríveis aconteciam com ele, desde perder um segundo lugar garantido, até ver seu carro simplesmente apagar-se num treinamento onde poderia quebrar um recorde.

Chapp tinha seus problemas, tinha em que pensar. Numa noite em que não poderia pensar em nada, exigir dele uma definição era algo cruel e impossível.

— Ok, Sharlene! Você merece isso realmente. Vá, divirta-se, eu sinto não poder acompanhá-la.

— Eu também, Chapp. Eu também — repetiu ela, querendo chorar, não por sentimento mas por puro nervosismo.

— O dinheiro está na mala menor, pegue o que precisar — disse ele, caminhando para o quarto.

\* \* \*

Fora assim em toda parte. Sharlene se sentia distanciada de Chapp, longe, longe demais para poder voltar atrás. Mesmo ali, em Nova Iorque, agora, aquele ar de familiaridade não a fazia se sentir a mesma.

Chapp fora um fracasso na fórmula Um. O que foi mais incrível, no entanto, era que Chapp não desistira. Mesmo de volta aos Estados Unidos, com ofertas interessantes a serem estudadas ele não desistia da idéia.

Naquele tarde após receber aquele telefonema, Chapp se aproximou dela, no luxuoso apartamento de cobertura, onde viviam.

— Vou sair, não sei quando volto.

— O que vai fazer agora?

— Estão construindo um carro, querem que eu o veja.

— Fórmula Um?

— Sim, talvez eu corra com ele na Argentina.

Sharlene conteve-se para não rir. Nada poderia ser mais cruel para com Chapp que sua ironia, mas ela simplesmente não podia evitar.

Não via mais nada de importante a salvar naquele relacionamento. Ao mesmo tempo, aquele desencontro habitual a pusera numa posição de alheamento, tirando-lhe toda a iniciativa, deixando-a sem planos.

Não podia deixar Chapp simplesmente apesar de reconhecer que isso lhe faria muito mais bem que permanecer com ele. Mas o que faria em seguida?

De alguma forma estava mais presa a ele do poderia imaginar. Era lógico, era sem sentido, era absurdo, mas era também, muito cômodo.

— Não vai dizer nada? — indagou ele, friamente.

Aquela sensação de que a perdera era demais, mas Chapp ainda não podia aceitá-la. Nada era fácil para ele. Estava desacreditado, ironizado, quase falido.

Aquela aventura na Fórmula Um fora um desastre completo. Não fora procurado por nenhuma das equipes, seu empresário não conseguia renovar nenhum contrato de publicidade. Suas reservas financeiras desciam perigosamente.

Chapp estava à beira de desespero. Sharlene era, talvez, o último vestígio de um tempo de glórias que passara, mas não podia ser esquecido.

Conservá-la era estar junto dos velhos tempos, das pistas menos famosas, mas lucrativas, das pequenas estouradas com alegria, das bandeiras quadriculadas se repetindo vertiginosamente.

— O que posso lhe dizer que você já não saiba? — respondeu ela, olhando-o ferinamente.

Já não eram amigos, já não eram amantes, já não eram mais nada, nem a sombra do que havia sido um dia. E, como fora maravilhosos...

Sharlene adorava tudo aquilo, adorava cada dia, adorava cada momento. Tinham tempo, o



dinheiro era mais curto, mas era constante. E agora...

Chapp não sabia o que fazer. Aquele novo carro talvez fosse sua última esperança, algo a que precisava se agarrar febrilmente, desesperadamente.

Todo seu futuro estava em jogo. Desde que voltara ao seu país, nada mais fizera que estudar seus erros, analisá-los, e buscar encontrar a sua solução.

Tivera muito azar. Isso ninguém podia negar. Passada aquela fase de inexperiência, tivera bons momentos, mas seu carro um modelo já ultrapassado, começou a apresentar problema de todos os tipos.

Mas quem podia apagar aquela imagem inicial? Para todos, Chapp era o fracasso, o último lugar, quando conseguia terminar a prova.

Dia a dia as coisas pioravam, tanto em seu relacionamento com a equipe quanto com Sharlene. Um novo carro estava sendo construído, mas Chapp fora preterido.

Não podia culpá-los. A fórmula Um era um investimento vultoso. Ninguém se dispunha a arriscar em um perdedor. Era assim que ele se sentia.

Se ao menos Sharlene tivesse compreendido. Precisava muito dela, mas como exigir qualquer coisa se nunca lhe dera nada, além daquelas viagens cansativas, dos dias monótonos no hotel, do sofrimento dos boxes?

Ele necessitava, porém, de um estímulo, de algo que pudesse elevar seu moral, fazendo-o se sentir disposto a lutar por alguma coisa.

Poderia esperar isso de Sharlene?

— O que houve conosco, Sharlene? — indagou ele, desconsolado.

— Acho que perdemos, Chapp — respondeu ela.

— E o que estamos fazendo aqui, à beira da pista, então?

— Talvez esmurrando nossos destroços inutilmente, Chapp — respondeu ela, ironizando a imagem que ficara na sua mente.

— Por que não reconhecemos nossa derrota, então?

— Por quê, Chapp? — retrucou ela, sem saber o que dizer.

## CAPÍTULO 2

Para um homem como Chapp Bright, que já tivera tudo, era difícil recomeçar, mas ele estava tentando. Sharlene o deixara definitivamente, ele não a via há pouco mais de um mês.

Estiveram juntos na ação de divórcio, durante a audiência, depois separaram-se. Pouco houve a ser repartido. Sharlene levou em consideração a derrota financeira de Chapp, deixando-o, sem exigências.

Restou para ele o apartamento pequeno, onde se instalara, algumas economias, uma porção de troféus e seu capacete especial, inconfundível. Com ele Chapp ainda queria brilhar.

Sua esperança era aquele carro. Um modelo especial americano, fora dos padrões europeus, mas com enormes possibilidades de revolucionar.

Ainda não entendia como fora chamado para pilotá-lo, na fase de teste, e supervisionar sua construção. Seu nome era motivo de risos, mas alguém confiava nele.

Nenhuma marca especial, nenhum detalhe que pudesse esclarece. Apenas aquela lataria negra com cromados, dando ao carro a aparência estranha de uma grande aranha.

Apesar do mistério, Chapp se concentrava em seu trabalho com todas as suas forças. Havia muito a ser esquecido, havia muito em que não pensar, e a única maneira de fugir a tudo isso era desviando sua atenção até o cansaço extremo.

Naquela noite, Chapp já havia despedido a equipe. Estava só, no box de montagem, junto à pista de River Side. O carro estava montado, e dentro de mais alguns dias os testes principais seriam iniciados.

Qualquer coisa, porém, ainda o preocupavam quanto ao motor. Chapp queria averiguar isso, mas precisava de calma e solidão. Assim, após a saída da equipe, apanhou as ferramentas e acendeu o holofote sobre o carro.

Para um homem em fuga de si mesmo, o tempo não importava. A vida era feita de objetivos a serem vencidos, gradativamente, um após o outro, sem pausa para pensar.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

